

O *Símbolo Perdido*, o novo livro de Dan Brown chega às livrarias portuguesas a 29 de Outubro numa edição da Bertrand e com uma tiragem inicial de 120 mil exemplares. Portugal, Espanha

e Alemanha serão os primeiros países a apresentar as suas versões do livro que vai ser publicado a 15 de Setembro nos EUA e no Reino Unido. A acção do livro decorre em 12 horas.

ExperimentaDesign começa hoje

Aravena, o arquitecto que faz meias casas

O projecto chileno Elemental permite fazer casas para famílias pobres a baixo custo. O primeiro convidado da bienal explica como

Alexandra Prado Coelho

● Alejandro Aravena constrói meias casas. Não é surpreendente, por isso, que este arquitecto chileno seja o orador convidado da primeira das Conferências de Lisboa (entre as 15h e as 17h no Teatro Camões, Parque das Nações) da ExperimentaDesign 2009, a bienal de design que começa hoje e que se propõe pensar, entre outras coisas, como é possível fazer mais com menos.

“Fazer metade de uma casa não foi uma opção, foi uma restrição”, explica Aravena ao P2 por *email*. A abordagem do Elemental, o *do-thank* de que faz parte, é pragmática: se o dinheiro não chega para fazer uma casa de 80 m², talvez chegue para fazer uma de 40m². “A nossa reformulação do problema foi considerar 40m² como metade de uma casa boa.” O restante é para fazer mais tarde, pelos próprios habitantes, quando surgir o dinheiro.

Tudo começou com um pedido do Governo chileno: criar casas para 100 famílias que ocupavam ilegalmente, e há mais de 30 anos, um terreno na cidade de Iquique. Para isso o Governo disponibilizava um subsídio de 5000 euros por família com o qual tinham que pagar o terreno e construir a casa (o projecto fez parte das obras seleccionadas para o prémio da VI Bienal Ibero-Americana de Arquitectura e Urbanismo, que se realizou em 2008 em Lisboa).

A parte mais difícil

O desafio obrigou a uma mudança naquela que é a perspectiva habitual de um arquitecto. Estes tinham que partilhar o seu trabalho com uma família que pouco perceberia de arquitectura. “Uma casa tão pequena iria necessariamente ser modificada pelas pessoas, mesmo que nós o proibíssemos”, reconhece Aravena. “Por isso o que fizemos foi, de

maneira pragmática e estratégica, incluir essas variáveis no desenho. Dado que era um facto que 50 por cento da casa iria ser construída pelas famílias, o mais razoável era sentá-las desde o início a uma mesa para nos pormos de acordo sobre quem ia fazer o quê.”

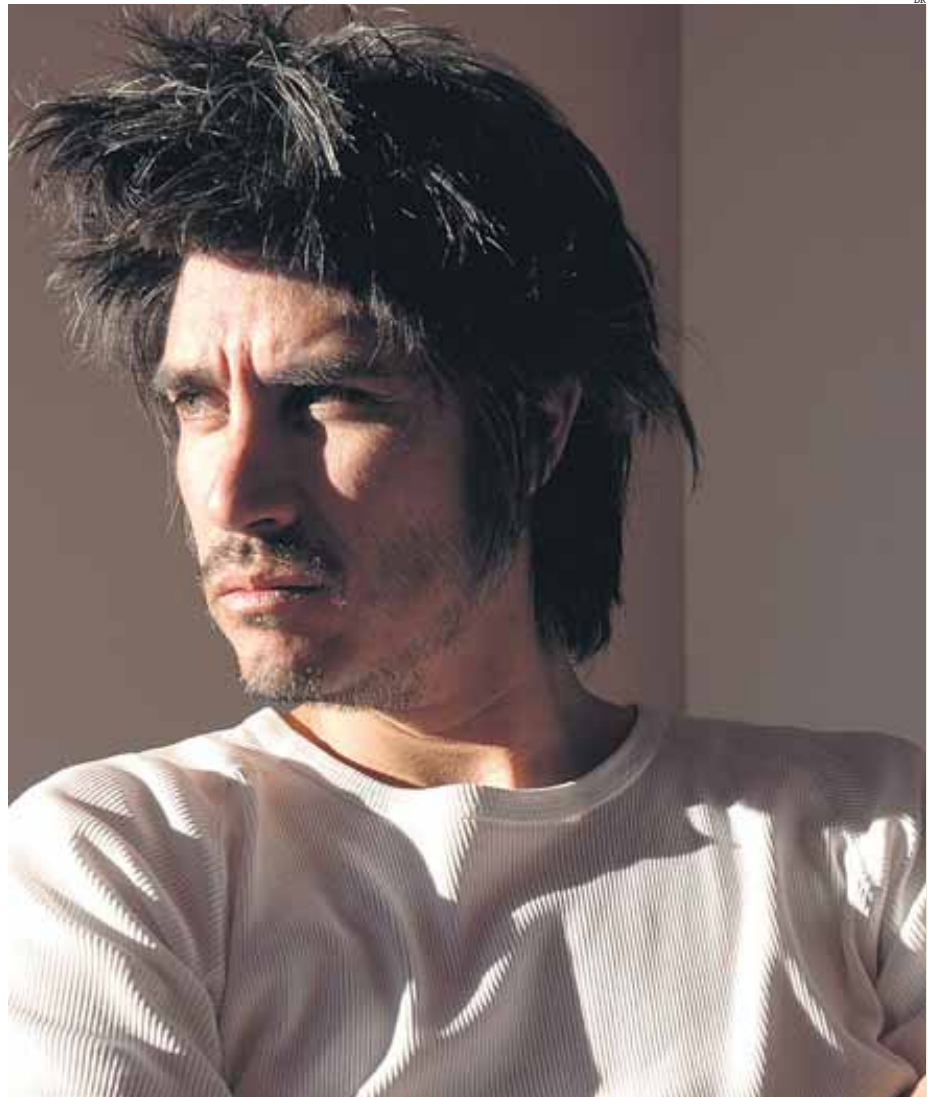
Para os arquitectos fica a parte da casa que “difícilmente as famílias conseguiriam fazer sozinhas”, a casa de banho, a cozinha, escadas, etc. Nesta metade da casa já está a estrutura para se poder construir a segunda metade. “Por muito mal que a família faça a sua parte, a segurança estrutural está garantida por nós.”

Tentam explicar às famílias que o valor da casa (a política de habitação no Chile é orientada para a propriedade) também depende do valor do conjunto. E isto cria uma espécie de “controlo social”, mais eficaz que um imposto pela lei ou pelos arquitectos. “É como a Wikipédia: há sempre gente que pode vandalizar uma resposta, mas a maioria das pessoas procura naturalmente o bem comum.”

Lisboa, por que não?

A negociação com os moradores não significa que os arquitectos se apaguem. “Interessa-nos muito deixar a nossa marca profissional (talvez mais do que pessoal). É irresponsável, profissionalmente falando, que sejamos um mero porta-voz ou executor da vontade popular.” Cabe aos arquitectos propor “decisões às vezes anti-intuitivas, que têm que ser discutidas com as comunidades, porque não são o que elas espontaneamente teriam feito”.

Admite, no entanto, que “há certas coisas que as próprias famílias sabem muito melhor do que [os arquitectos] como se devem fazer”. Mas como nem tudo o que as pessoas sonham é possível, os membros do Elemental têm que ajudar a estabelecer prioridades. “Perguntamos às famílias se



Aravena (em cima) e o projecto no Chile: as metades das casas desenhadas pelos arquitectos e, em baixo, já com a construção dos moradores

querem isto ou aquilo... e o que vamos ter que deixar de fazer para o poder pagar.”

As preocupações estéticas existem, mas a opção dos arquitectos é “trabalhar sobre uma estética neutra, seca, dura, para poder dar alguma regularidade a intervenções individuais

que certamente serão muito expressivas”. Mas mais uma vez há um lado pragmático. “A questão estética não é um dado duro: o banco não está interessado nisso, quando faz a avaliação das casas, que é o que interessa a uma família quando usa a propriedade para pedir um crédito para começar um

pequeno negócio, por exemplo.”

Para além do projecto no Chile, o Elemental está a concluir a construção de um no México e a planear outro para o Brasil. O objectivo é lançar o modelo globalmente (as adaptações passam apenas por questões como o clima, o tipo de terreno ou de lotes), e está em conversações com o Peru, a Índia e a Colômbia.

Numa altura em que tanto se discutem os problemas nos bairros de realojamento, em que enormes edifícios parecem contribuir para o aumento da violência, Aravena tem ideias muito claras sobre o assunto. Em primeiro lugar não devemos “poetizar a pobreza e as instalações informais”. Depois é preciso ter em conta que “com um número superior a 20 ou 30 famílias é difícil manter os acordos sociais”. Com muita gente no mesmo sítio “é muito difícil manter o espaço colectivo”, que se transforma em “espaço de ninguém”.

E o modelo de meias casas do Elemental serviria, por exemplo, para uma cidade como Lisboa? “Não vejo por que não.”